

A janela de Hitler

*Inês Aguiar de Freitas**

*Waldir Rugero Peres***

*Ione Salomão Raby****

RESUMO

A paisagem mundial está cada vez menos variada, mais uniformizada, mais "globalizada"... É nesse contexto que vem a idéia de uma "renaturalização" do mundo. Convencionou-se chamar de Renaturalização do Mundo um conjunto de idéias e técnicas voltadas à recuperação de paisagens. Em busca das raízes da idéia de renaturalização, e da explicação do sucesso de tal pensamento (e ações), na Alemanha, tentar-se-á analisar

Como escrito por Vitruvius no prefácio do Livro Seis de seu Da Arquitetura, conta-se que o filósofo Aristippus, discípulo de Sócrates, tendo naufragado e sido lançado no litoral de Rhodes e vendo figuras geométricas na areia, gritou a seus companheiros: "Estamos guiados pela boa sorte, pois vejo aqui as pegadas do homem!" Após fazer esta observação, Aristippus partiu para a cidade de Rhodes (outra criação única do homem) e lá, no ginásio, falou de filosofia.¹

Sabe-se que o Ocidente desenvolveu como uma de suas tradições fundamentais o tema judaico-cristão da Criação. Tal paradigma defende a cosmologia bíblica, onde o Criador dá ao homem plenos poderes sobre a Terra e todos os seres que a habi-

taqui alguns fatos relacionados ao imaginário alemão que permitam responder a questões tais como: por que e para que renaturalizar? Por que na Alemanha? Por que a preocupação com a paisagem natural ("original")? De onde vem a idéia da recuperação ambiental como redenção de uma nação?

PALAVRAS-CHAVE:

Renaturalização, Paisagem, Meio Ambiente, Alemanha.

tam – a Terra feita para o homem, a maior e mais perfeita criatura da natureza, e tudo existe para servir ao homem, senhor de toda a natureza, a quem os três reinos estão submetidos. Além disso, dotado de inteligência superior a de todos os outros seres vivos, ele está destinado a ser o continuador da obra de Deus sobre a Terra. Através das suas artes e técnicas (imitações das capacidades divinas, dons de seu Criador), ele se posiciona como herdeiro e parceiro de Deus, melhorando a Terra e terminando sua construção, de acordo com Sua vontade. Nesta visão antropocêntrica do mundo, plantas e animais só existem para servir ao homem, a suas necessidades e fins. E, seguindo esta idéia, o homem, herdeiro eleito da Terra, é ainda o único ser vivo que tem o direito de decidir sobre a modificação, a destruição e também sobre a recuperação da natureza e do meio ambiente; sobre a "salvação" de espécies ameaçadas e até

mesmo sobre a “ressurreição” de outras já desaparecidas (através de verdadeiros “milagres” científicos).

Imbuído deste espírito, o homem, como os gregos na antiga Rhodes, continua deixando suas “pegadas”, suas marcas, na paisagem. Os movimentos de evolução de nossas sociedades têm artificializado cada vez mais os ambientes. No século XX, acelerou-se tal pressão. As necessidades da sociedade pesam sobre a natureza: a indústria, os transportes, o lazer são grandes consumidores de espaço e de recursos. As superfícies artificializadas não param de crescer. O fenômeno atinge os meios naturais e afeta as paisagens, levando à uniformização. E tal processo não poupa nem mesmo as áreas urbanas: a paisagem urbana é cada vez menos variada, mais uniformizada, mais mundializada...

É nesse contexto que vem a idéia de uma “renaturalização” do mundo. Mas, o que significa *renaturalização*?

Convencionou-se chamar de *Renaturalização do Mundo* um conjunto de idéias e técnicas voltadas para a recuperação ambiental, ou, para ser mais específico, para a recuperação de paisagens através da substituição de elementos artificializados e de obras que “agridem” (mesmo que apenas visualmente) o meio ambiente por obras de engenharia ambiental, que buscam soluções na paisagem original, “natural”. É o caso das margens de rios retificados, de onde se retira o concreto, substituindo-o por pedrinhas, seixos, troncos de árvores ou gravetos, por exemplo. Ou mesmo o caso da retirada de *out-doors* das margens das rodovias, não por acaso, também banidos da *Estrada Romântica*², no intuito nada inconsciente de deixar à vista as paisagens alemãs.

Sob esta ótica, o que seria então *renaturalizar* senão a expressão máxima daquele poder conferido (ou auto-conferido) ao homem, já antes comentado?

Tais idéias, nascidas na Europa, vêm encontrando, especialmente a partir da Alemanha, ecos no mundo inteiro. Em busca das raízes das idéias de *renaturalização*, e da explicação do sucesso

de tal pensamento (e ações), na Alemanha, tentar-se-á analisar aqui algumas idéias relacionadas ao imaginário alemão que permitam responder a algumas questões, tais como: Por que e para que *renaturalizar*? Por que na Alemanha? Por que a preocupação com a paisagem natural (“original”)? De onde vem a idéia da recuperação ambiental como redenção de uma nação?³

Em primeiro lugar, é preciso fazer um pequeno passeio pelo conceito de *paisagem*. Hoje, este conceito está presente na ciência, nas artes, no turismo, até mesmo em atividades comerciais, como a venda de imóveis (onde equivale às “amenidades” conferidas a um lugar), enfim, numa série de temas, matérias e atividades. Foi a Geografia, porém, que deu ao conceito um uso científico, elegendo-o como eixo de toda uma teoria de investigação.

A paisagem constitui-se em um conceito-chave da Geografia. Juntamente com região, espaço, território e lugar, forma um conjunto de conceitos através dos quais o geógrafo objetiva o estudo da sociedade, este objeto comum a todas as ciências sociais (Correa, 1997).

Toda paisagem apresenta-se ao estudioso dotada de uma certa fisionomia. Entre seus distintos aspectos, encontram-se elementos, tanto visíveis quanto invisíveis, que estabelecem relações entre si. E, sendo então dominado pela subjetividade, o conceito ganha significados diferentes para autores diferentes. Fala-se em paisagens naturais, paisagens rurais, paisagens culturais... constituindo, todas, tema de longas dissertações ao longo da história do pensamento geográfico. A história do conceito, as diferentes práticas e apreensões que teve ao longo do tempo, no interior da ciência geográfica, deu a esse objeto uma grande versatilidade, o que permite, também por parte dos geógrafos, diferentes usos dele.

Foi com Vidal de La Blache que, no início deste século, apareceu na escola francesa de Geografia o conceito de paisagem humanizada, en-

tão exclusivamente rural. *O Tableau de Géographie de la France*, publicado em 1903, contém belíssimos textos evocativos das paisagens francesas. Mas, essas paisagens rurais não seriam elas, não só “naturais”, mas, sobretudo, produtos históricos ou culturais?

Num artigo publicado em 1925, *The morphology of landscape*, Carl Sauer, geógrafo americano fundador da escola de Berkeley, desenvolveu o conceito de “paisagem cultural” – a paisagem natural valorizada pelas atividades humanas e suas conseqüências.

Na literatura geográfica, destaca-se ainda o conceito alemão de *Landschaft*. Não correspondendo ao vocábulo *paisagem* das demais línguas, *Landschaft* comporta significados e visões do mundo que dão ao conceito, na Alemanha, uma gama de interpretações e de utilizações muito mais ampla que nas demais escolas geográficas. A paisagem alemã compreende um complexo natural total, representando, de forma integrada, pela natureza e pelas ações humanas. A palavra alemã *Landschaft* (paisagem) existe há mais de mil anos e existem vastas superfícies já protegidas que procuram preservar as relações de uso e ocupação do solo alemão. Desta forma, novos usos são regulados, apoiados ou negados em função da história de uso e ocupação de uma determinada localidade.⁴ A legislação municipal alemã está muito apoiada nas assembléias de vizinhos e usuários de um determinado local ou região. Muitas obras de renaturalização de paisagens são implementadas após longa discussão entre governo, comunidades locais, associações de caça e pesca, organizações ambientais e associações desportivas e atléticas.⁵

Inspirado na conceito alemão de paisagem, o russo Pokutchaiiev, fundador da pedologia, lançou, no século passado, a idéia de paisagem enquanto um “complexo natural total”, onde as atividades humanas estão presentes. Pokutchaiiev prefere o vocábulo alemão ao vocábulo francês *paysage*, mais descritivo e subjetivo. Na literatura geográfica alemã, foi Passarge o primeiro a usar

a expressão “geografia da paisagem”, a partir de 1913, quando divulgou o conceito de “ciência da paisagem”, que já havia sido forjado entre 1884 e 1885. Hoje, os geógrafos de língua alemã utilizam a palavra *Landschaft* para designar o objeto da Geografia e elegeram o termo como parte do vocabulário científico da Geografia germânica.

É a partir desse conceito alemão que se tem pensado e posto em prática certos movimentos de proteção, conservação ou recuperação ambientais, aos quais se deu o nome de “renaturalização de paisagens”. A essência dessa idéia fica bem clara num exemplo concreto, como o da renaturalização de rios. Experiências realizadas na Alemanha já demonstram que a recomposição de rios e lagos, buscando restabelecer seu estado natural, é possível e constitui importante instrumento a ser utilizado no resgate do valor ambiental e paisagístico de determinadas regiões. É o que se chama hoje, na Alemanha, de “reconstrução de paisagens” e de “renaturalização de paisagens”. Valeria a pena, então, pensar um pouco mais nas raízes desta idéia, que seriam reflexos do próprio espírito alemão.

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ALEMÃ E O ROMANTISMO

A paisagem alemã, definida como um complexo natural total, pode ser estudada através da análise cuidadosa de seus elementos. Montanhas, florestas, campos cultivados, córregos cristalinos, pequenas aldeias, bucólicas fazendas, camponezes, pescadores e pequenas igrejas compõem os cenários recorrentes e ideais das paisagens alemãs. A harmonia entre as atividades humanas e naturais, a força da natureza e o poder transformador dos homens aparecem em representações míticas nas telas dos pintores românticos alemães. O esplendor do céu e a imensidão dos mares são manifestações do Criador que o homem pode tocar e sentir. Através da manipulação dos elementos da paisagem, estabelece-se contato com Deus. A paisagem alemã é o palco onde os homens, a natureza e a divindade entram em contato.

O conceito de paisagem, enquanto complexo natural total, vincula-se às manifestações do movimento romântico alemão no qual se aglutinam o poder da natureza, uma série de noções religiosas e a glória dos antepassados, principalmente nas letras, artes plásticas e na música.

As cores, os temas e os símbolos do romantismo estão nas telas de Caspar e são absolutamente freqüentes: as montanhas, as cruzes, as catedrais, o mar, os viajantes, o céu. Algumas das mais conhecidas pinturas de Friedrich Caspar são expressões de intenso misticismo religioso. Em 1808, em Dresden, ele exibiu uma de suas mais polêmicas telas, *A Cruz nas Montanhas*, na qual, pela primeira vez na arte cristã, um altar foi concebido em termos de pura paisagem. A cruz acaba sendo um elemento insignificante na composição. Mais importantes são os raios dominantes de um sol nascente, através dos quais o artista recria o cenário de um mundo antigo, pré-cristão. A montanha simboliza uma fé inabalável, enquanto as árvores enfileiradas compõem uma alegoria de esperança, no momento em que tomam o lugar das torres da catedral. A força criadora está nos elementos da natureza. Os homens de cultura deveriam, através do amplo e metódico desenvolvimento dos sentidos, buscar transformar a força da natureza em algo sublime, realizar inferências, reconstruir o poder natural em saber revelador. Os quadros de Caspar representam os contatos dos homens com a força dos elementos da natureza, ele busca representar nas suas telas o encontro do homem com o espaço vital, a *Landschaft* na sua expressão mais pura⁶.

A música de Wagner é inspirada no passado mítico das tribos germânicas dispersas pelas florestas da Europa Central. A religião primitiva apresenta divindades ligadas à fecundidade; aos fenômenos atmosféricos; aos mortos; à magia; e, posteriormente, à guerra (Odin) e ao protetor dos camponeses contra os gigantes (Thor). Deuses e deusas vivem no Asgard, palácio celeste, onde os heróis caídos em combate têm a sua última morada. Além das valquírias, as lendas e mitos nórdicos e germânicos, Wagner buscará

inspiração nos filósofos gregos e no passado glorioso dos cavaleiros teutônicos da Idade Média. Desta forma, os sons da natureza, as referências mitológicas e o passado glorioso dos guerreiros serão transformados em campos de força, em construções e formações sonoras. Wagner traduz os instrumentos primitivos da natureza e da cultura alemã em frases musicais, transformando-se no “regente” do legado cultural alemão⁷.

A obra de Goethe busca uma síntese entre germanismo e humanismo. Para o grande literato, a arte supera, através da estética da harmonia encontrada na natureza, a tensão entre o mundo ideal e o mundo real. Nos seus principais trabalhos, *Ifigênia*, *Egmont* e *Fausto*, o pensador alemão busca a combinação do imperativo categórico kantiano com a inclinação natural. Assim, a personalidade moralmente livre deve desenvolver-se seguindo o ideal clássico grego de humanidade.

Entre 1775 e 1830, o Romantismo desenvolve-se na Alemanha como uma oposição ao ideário racionalista francês. Elementos culturais importantes seriam aprisionados numa matriz teórica que fortaleceria a evolução do conceito de *paisagem*. Como nos diz Simon Blackburn, o Romantismo irá desenvolver o

...culto ao antigo, os romances sentimentais, o gosto pelo sublime e pelo pitoresco, e acima de tudo o engrandecimento da natureza e do sentimento de Rousseau, em detrimento da civilização e do intelecto. O romantismo foi parcialmente uma reação contra a racionalidade rígida do iluminismo, com sua arte oficial, estática e neoclássica, a favor do subjetivo, do imaginativo e do emocional, do inspirador e do heróico. Na filosofia, os românticos tiraram de Kant a ênfase no livre-arbítrio e a doutrina da espiritualidade última da realidade, sendo a própria natureza um espelho da alma humana. Em Schelling, a natureza torna-se um espírito criativo cuja aspiração é a auto-realização mais completa. (...) A arte romântica é as-

sim essencialmente movimento, representada em buscas, jornadas e peregrinações, cujo objetivo é o regresso a um lar ou refúgio perdido. (Blackburn, 1997)

Mas, antes de tudo, deve-se esclarecer que é falsa a noção de uma Europa romântica. Aliás, esta noção pode conduzir a alguns erros. Não se pode aceitar a idéia de que todos os europeus, num dado momento, foram tomados de uma mesma febre espiritual, comunicando-se num fervor unânime de renovação de todos os valores. Ao contrário, a “época romântica” corresponde, na verdade, a um espaço-tempo formado de configurações mal determinadas. Na França, por exemplo, pouco excedeu os limites da literatura (e, assim mesmo, tardiamente). Da mesma maneira, é um hábito se admitir a existência de escritores e artistas românticos ingleses. No entanto, segundo Gusdorf⁹, seria absurdo falar de uma Inglaterra romântica em 1800, 1810, ou mesmo em 1820. A Alemanha será pátria, origem e território do universo romântico. Para se chegar ao conhecimento do Romantismo e de sua autenticidade alemã, é preciso ter consciência da importância deste período na composição do espírito alemão. E vice-versa.

Os alemães constituem o berço da inspiração e da irradiação romântica. Verdadeira revolução cultural, o Romantismo exprime uma era de apogeu da cultura ocidental, contragolpe da crise européia causada pela Revolução Francesa. Se o Século das Luzes desenvolve os temas da razão analítica elaborados por Galileu e Newton, o Romantismo representará a crise moral, espiritual e estética desse tempo. O movimento, muito além de atingir apenas a literatura, torna-se um estado de espírito, uma nova maneira de ver o mundo e, principalmente, a natureza.

Não é à toa que a idéia de renaturalização, hoje, tem como fundamento a oposição ao racionalismo que normalmente cerca as idéias de “conservação” do meio ambiente. Está, na verdade, além destas: prega a volta à *Landschaft*, à

paisagem alemã, à paisagem natural, original, romântica, holística, “religiosa”, símbolo máximo da alma alemã, marca de uma nação.

O DISCURSO DE TÁCITO

Tácito, historiador romano, talvez tenha sido um dos primeiros escritores a descrever os povos germânicos. Para ele, essas tribos representavam uma não-Roma, eram homens da natureza em contraposição aos homens civilizados da península italiana. Na *Germania do Codex Aesinas*, os germânicos são descritos como guerreiros selvagens, combatentes *seminus*, possuidores de uma força vigorosa. Quando cobrem seus corpos para proteger do rigor do inverno, o fazem com peles de lobos e ursos; raramente usam roupas íntimas e não dão valor para o brilho do ouro e a maciez da seda. Quando não estão combatendo uns com os outros, estão caçando, dormindo, comendo ou bebendo uma bebida fermentada. Vivem em toscas casas de madeira perdidas na imensidão das florestas que cobrem o Reno, o Elba, o Danúbio e avançam pela Europa Central. Não conhecem o esplendor do mármore dos palácios e não cultivam a terra. Preferem viver na escuridão das suas florestas úmidas e frias. Azulejos, pedras e telhas não fazem parte das suas construções. Sempre de armas em punho, as decisões comunitárias são rápidas e exemplares, o julgamento e a pena são realizados na hora. A floresta, para Tácito, está fora dos limites da civilização e nela as tribos realizam sua religião natural

...que considera degradante confinar a devoção entre quatro paredes de alvenaria ou representar os deuses com feições humanas. A veneração das divindades que habitam a natureza – os grandes carvalhos, por exemplo – e com ela formavam um todo indivisível era praticada nos bosques sagrados (SCHAMA, 1996).

A FLORESTA

Durante séculos, a floresta da Europa Central representou o limite entre a civilização romana e a

barbárie germânica. Foi muitas vezes descrita pelos historiadores e generais romanos como um lugar ermo, escuro, frio, primitivo e profundo. De fato, a floresta é mais do que isto. Ela será representada por Anselm Kiefer, (pintor alemão, em 1976) por uma série de troncos desfolhados, enfileirados, que conduzem para o interior escuro da mata. No quadro em questão, o solo está coberto por uma fria camada de gelo e neve, e manchas de sangue descem pela tela, referência explícita às marcas deixadas pelos soldados romanos e guerreiros germânicos. A floresta e o sangue demarcam a tênue linha entre mundos opostos: um, corrompido pelo ouro e poder, e um outro, preservado na sua pureza e vigor. Se a floresta para os romanos representa o limite da civilização, para as tribos germânicas ela representa a manifestação das divindades, fonte inesgotável de alimento e abrigo, berço de uma natureza primitiva e não corrompida pelo ouro e luxo da civilização mediterrânea.

Desta forma, um ícone da paisagem será construído, quer pelas narrações dos historiadores romanos quer pelos generais do Terceiro Reich ou até mesmo pelos artistas plásticos contemporâneos. Repleta de significado, representando a oposição de dois mundos, símbolo das origens de um povo, a floresta deve ser vista por uma janela especial, que será construída por Hitler.

A JANELA DE HITLER

Em *Arquitetura da Destruição*, documentário de Peter Cohen sobre a relação entre arquitetura e poder durante o Terceiro Reich, podem ser destacadas várias passagens reveladoras da importância do romantismo no sistema de referências da cultura alemã.

Porém, para os geógrafos, preocupados com as relações entre romantismo e a *Landschaft* (paisagem) alemã, a cena de destaque do trabalho de Cohen talvez seja a da janela de Hitler. O líder do Terceiro Reich, pintor recusado pela academia de Viena e estudioso da arquitetura, providenciaria, no final dos anos 30, uma grande reforma da sua casa alpina, na Baviera. A peça cen-

tral de destaque é a grande janela. Com trinta e dois metros quadrados, grande demais para um pequeno chalé, a janela de Hitler servirá não só para a contemplação da paisagem, a janela-quadro de Hitler deverá ser um símbolo vivo dos ideais românticos.

A janela-paisagem emoldura as montanhas, as florestas e os rios da *Landschaft*, o solo sagrado do povo alemão. Da janela, pode-se descortinar um quadro de referências estéticas, literárias, poéticas, históricas e sonoras. A janela é o elemento sensível que une o mundo natural à história de uma nação. Através dela, dá-se a transformação da realidade em arte, o encontro dos pressupostos românticos com as origens de um povo.

A janela de Hitler é, de fato, mais do que isto, ela simboliza a materialização do mundo representada nos quadros de Caspar David Friedrich, na música de Richard Wagner e nos escritos de Johann Goethe, já anteriormente descritos.

Nas exposições de arte alemã, realizadas no Terceiro Reich, Hitler irá adquirir centenas de obras de arte, onde as esplendorosas paisagens alpinas, as florestas setentrionais, os motivos camponeses, a virilidade do homem comum, do trabalhador comum, a beleza das formas puras da mulher ariana, as ruínas dos prédios do período clássico greco-romano aparecem. Enfim, a janela de Hitler possui profundidade, representa uma tentativa de conectar o solo com a História, o espaço com a herança cultural de uma nação, a escolha de um caminho a ser seguido⁹.

O chalé de Hitler e sua grande janela foram destruídos pelos norte-americanos, no final da Segunda Grande Guerra. O chalé, no alto das montanhas da Baviera, não era um alvo estratégico ou militar. Os norte-americanos temiam que o lugar pudesse vir a ser transformado num grande palco para cultuar o líder recém-vencido.

Mas não existiriam outras janelas? As manifestações e vinculações entre a floresta e a origem de um povo não podem ser percebidas em outros lugares? Será que numa rua qualquer de Berlim não existe, nos dias de hoje, uma janela similar à de Hitler? No-

vamente, para os geógrafos, atentos às referências românticas, talvez a nova janela de Hitler esteja representada na forma do mapa da *Unter dem Linden*.

DEBAIXO DAS TÍLIAS

A expressão *Unter dem Linden*, em alemão antigo, significa *bosque sagrado*. *Unter dem Linden* é o nome da principal rua de Berlim, a rua que abriga o Portal de Brandemburgo, um dos símbolos máximos da nação alemã. No coração da cidade, fica o Portal. A oeste dele, abre-se o *Tiergarten* (*jardim dos animais*), um grande bosque urbano, onde se destacam estátuas de generais e monumentos de guerras vencidas; a leste, a *Unter dem Linden* abriga a Universidade de Humboldt, as óperas e finalmente encontra a ilha dos museus. A natureza e a cultura, o mármore e a madeira, o ouro e o ferro - o imaginário alemão pode ser revelado no centro da cidade. Lembranças do sangue derramado dos guerreiros alemães são encontradas no *Tiergarten* e, por "debaixo do bosque sagrado", a arte, a filosofia, a cultura, a ciência, o passado e as letras repousam. A *Unter dem Linden* representa o encontro da civilização com as raízes de um povo. Assim, a floresta estará para sempre no coração dos alemães.

NOTAS

* Doutora em Geografia pela Université de Paris IV - Sorbonne, Geógrafa do Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro - CIDE, Professora Visitante do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

** Geógrafo, Coordenador de Estudos e Pesquisas do CIDE

*** Analista Especializada (Geografia) do CIDE

- 1 Citado na contracapa de Glacken, Clarence J. *Traces on the Rhodian shore. Nature and culture in western thought from ancient times to the end of eighteenth century*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.
- 2 A legislação alemã em vigor proíbe a utilização de *outdoors* nas estradas, por considerá-los elementos impactantes da paisagem. A paisagem alemã possui uma forte raiz romântica que procura aglutinar uma série de noções religiosas, o poder da natureza e a

glória dos antepassados. Um *outdoor*, além de ser um elemento de poluição visual, agride o paradigma de paisagem germânico. A Estrada Romântica, que percorre cenários dignos dos melhores cartões postais da Baviera, une uma série de elementos típicos das paisagens alemãs: pequenas aldeias, castelos, igrejas, campos cultivados, montanhas nevadas, lagos alpinos, florestas de pinheiros. Estes elementos são recorrentes nos quadros românticos.

- 3 É importante saber que este processo de "Renaturalização do Mundo" não se restringe apenas a uma questão que habita o imaginário da população alemã neste fim de século. Tal processo significa empregos e desenvolvimento de novas tecnologias. A questão ambiental torna-se central, envolvendo as coisas, as pessoas e as atividades. Tanto é assim que 67% da população alemã considera os problemas ambientais como sendo muito importantes para orientar as ações políticas, ao passo que somente 18% elegem a unificação da Europa como um tema relevante. Por seu turno, o governo alemão, e notadamente o de Berlim, afinado com as vontades da sua população e, ao mesmo tempo, compreendendo que a primazia do poder tecnológico mundial passa pelas tecnologias poupadoras de energia e de recursos, elegeu o ambiente como símbolo máximo do planejamento e reestruturação de uma nova Alemanha, que nasce após a unificação. Na Alemanha de hoje, as modernas ferramentas ecológicas de planificação, como um Atlas Ambiental, transformaram-se em guias precisos na condução das políticas públicas relacionadas aos investimentos em programas de controle ambiental, saneamentos de áreas ou regiões contaminadas, reformas paisagísticas e substituições de infra-estruturas obsoletas. E ainda, através desta "nova ordem", justifica-se a abertura de uma frente de trabalho capaz de absorver enormes contingentes e investimentos. Só nos trabalhos de remodelação urbana de Berlim, serão gastos cerca de 200 bilhões de dólares americanos até o ano 2000. Os dados projetados para a Alemanha indicam que estarão empregados até o final do século cerca de 1.122.000 trabalhadores nos diversos programas relacionados à proteção ambiental, o que equivalerá a mais de 2% da força de trabalho do país. Atualmente, o governo alemão investe 1,6 % do Produto Interno Bruto, avaliado em 1992 em três

bilhões de DM, em programas ambientais. Os dados podem ser encontrados no Environmental Policy in Germany, Federal Environment Ministry, Bonn, 1994.

- 4 Para se ter uma idéia do que representa a paisagem na vida alemã, seria suficiente dizer que existiam, em 1992, mais de 9 milhões de hectares de paisagens protegidas, enquanto os parques nacionais e reservas naturais totalizavam juntos menos de 2,5 milhões de hectares.
- 5 Alguns exemplos podem ser dados para ilustrar a relação entre os homens e as suas paisagens. Bosques particulares possuem caminhos abertos que podem ser percorridos em qualquer dia do ano pelos praticantes de caminhadas, observadores de pássaros e amantes da natureza, sobretudo ao longo dos rios e nas periferias das cidades. Em Munique, nas margens do Rio Isar, estão sendo feitas, pela prefeitura, inúmeras melhorias com o objetivo de renaturalizar a paisagem e integrar bosques públicos e privados. Para alguns municípios, obriga, por exemplo, que a rede coletora de esgotos seja construída no fundo dos lagos, com o objetivo de impedir novas ligações domiciliares com a estação de tratamento comunal ou distrital. Na região dos lagos alpinos de Tegernsee, Schiersee, Seehamer See e Spitzingsee, tal procedimento foi adotado. Novas residências precisam da obtenção da licença de ligação com a rede de esgoto e, como a rede está submersa, é impossível, na prática, a concessão de uma nova licença para construção. Preserva-se, através desta engenhosa legislação, a densidade de ocupação nas margens dos lagos.
- 6 Para ver os quadros de Caspar aconselhamos uma visita ao site <http://www.descobrir.com.br>
- 7 Kinder, H. e Hilgemann, W. *Atlas Histórico Mundial*. Colección Fundamentos, Madrid, 1982.
- 8 Gusdorf, Georges. *Le Romantisme*. Paris: Payot, 1993.
- 10 As áreas de proteção de paisagens na Alemanha alcançavam, em 1995, cerca de 9 milhões de hectares, enquanto os parques nacionais e reservas naturais somavam 1,3 milhão de hectares. Evidentemente, existem poucos espaços disponíveis num território tão intensamente ocupado - as terras agrícolas representam mais de 54% do território, enquanto as áreas urbanas e vias de transporte somam 12% da superfície. Mesmo assim, o destaque dado às paisagens

é inegável. Fonte: Environmental Data Germany, Federal Environmental Ministry, Bonn, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A paisagem geográfica – Uma bibliografia. *Espaço e Cultura*, n. 4, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1997.
- GLACKEN, Clarence J. *Traces on the Rhodian shore*. Nature and culture in western thought from ancient times to the end of eighteenth century. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.
- GUSDORF, Georges. *Le Romantisme*. Paris: Payot, 1993.
- KINDER, H. e HILGEMANN, W. *Atlas Histórico Mundial*. Madri: Colección Fundamentos, 1982.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ABSTRACT

The world's landscapes are gradually becoming less and less varied, more uniform, "globalized". It is in this context that the idea of "re-naturalization" of the world emerges. It's been agreed to call "re-naturalization of the world" a set of ideas and techniques which aim to recover these landscapes. In search for the roots of these ideas and for an explanation of the success of such thought (and actions) in Germany, we will attempt to analyse some facts, related to the German imaginary, which could bring forth answers to questions such as: Why re-naturalize and what for? Why in Germany? Why this concern with a natural (original) landscape? Where does the idea of environmental recovery as means of redeeming a nation come from?

KEYWORDS:

Re-naturalization, Landscape, Environmental, Germany.